

“É mais tarde do que você pensa, irmão!”

Se algum observador da imprensa estrangeira está acompanhando os lances dessa “crise política”, desencadeada pelo dr. Ulysses, fatalmente estará concluindo que ela é apenas um efeito colateral da profunda crise econômico-financeira traduzida impiedosamente neste mesmo momento pelos últimos números divulgados: 24,04% de inflação num único mês, queda de 2,9% do nível de investimentos no segundo trimestre do ano em relação ao nível do primeiro trimestre; queda, também, de 0,8% do PIB no mesmo período etc.

Mas estará redondamente enganado: nem no discurso gongórico com que o Velho do Restilo (do licor de poire) oportunisticamente se desliga do governo, dele retirando seus três ministros, nem na última arenga semanal ao Pé do Rádio do presidente há qualquer menção à crise que flagela a Nação.

Os vírus da hiperinflação, da recessão e do desemprego já estão instalados no organismo econômico nacional, e no recinto da Assembléia Constituinte não se ouve uma única voz, nem da oposição nem da situação, criticando ou apoiando o governo pelos remédios que está aplicando.

Enquanto isso, em sua tertúlia radiofônica de sexta-feira, o presidente falou de seus esforços junto ao Vaticano para reabilitar o padre Cícero, no açude que inaugurou no Cariri, nos milhares de hectares que estão sendo irrigados no Nordeste, no novo poço de petróleo da Amazônia e na sua próxima excursão à Bolívia para concluir, como sempre, que é morbidamente pessimista quem vê problemas sérios no Brasil de hoje.

A nova crise política nada tem que ver com a crise econômica. O dr. Ulysses armou toda essa encenação da semana passada, em cima do oportuno e corretíssimo discurso do presidente Sarney, apenas para salvar sua própria carreira política. O seu problema nada tem que ver com os problemas do Brasil: é apenas o de recuperar o controle da parte que restou do PMDB depois da debandada dos tucanos, ameaçada pela disputa entre “conservadores” e “históricos” na convenção nacional marcada para 21 de agosto. E, com isso, manter acesa a chama de sua candidatura à Presidência da República, ameaçada por essas brigas internas no partido e pela desenvoltura de alguns governadores que também são candidatos.

Os outros personagens da cena política não estão agindo diferentemente do deputado paulista: eles estão preocupados, primordialmente — ou apenasmente, como diria Odorico Paraguaçu, o protótipo dos políticos dos nossos dias —, é com a eleição municipal, a grande preliminar da sucessão presidencial do próximo ano. Por isso, esses dois pleitos estão na raiz das divisões que assolam todos os partidos políticos brasileiros, estraçalhados em grupúsculos e grupelhos. E eles são inconciliáveis, como o dr. Ulysses poderá sentir no “estilhaço” do antigo PMDB que lhe restou quando passar o entusiasmo “cívico” por sua performance teatral da semana passada e estiver em jogo o poder. O resto não é com eles! A crise concreta e cruel é problema de trabalhador e de empresário.

O presidente Sarney, que teve um grande momento na terça-feira que passou, quando resolveu alertar os constituintes e a Nação para os riscos que corre a economia brasileira com uma série de medidas embutidas no projeto B da futura Constituição, teria todas as condições para, diante desse quadro, reabilitar-se perante a Nação.

A cada crise política — real ou fabricada — que engolfa esta que era para ter sido a Nova República, principalmente as que foram afastando o PMDB do dr. Ulysses do centro do poder, escrevemos aqui nesta página a mesma coisa que vamos repetir agora: eis uma grande oportunidade para o presidente José Sarney montar o seu governo, adotar as suas políticas, sem os condicionamentos impostos pelos compromissos assumidos pelo presidente Tancredo Neves e sem as pressões do presidente peemedebista. Até aqui, em vão.

A oportunidade que agora se abre, e que é a última, é a maior de todas.

Desta vez, depois de ter sido o grande responsável pela catástrofe econômico-financeira, construída pelos seus economistas, discípulos diletos de sua velha amiga Conceição, é o próprio dr. Ulysses que o deixa absolutamente livre, porque sabe que não dá para ganhar eleição ficando no governo.

Além disso, os partidos não existem como força organizada e os governadores, exclusivamente preocupados com as eleições municipais e além do mais com falta absoluta de recursos financeiros, também não têm condições de lhe criar maiores problemas.

Todo esse universo político vive fechado em si mesmo, sem nenhum contacto, como dizíamos, com a sociedade brasileira — esta perplexa e angustiada, e sobretudo enojada com o jogo político — pronta para submeter-se a uma liderança que possa inspirar-lhe um mínimo de confiança. Confiança em que a crise real ainda possa ser revertida.

Esta seria a hora de um presidente da República à altura das responsabilidades do cargo que ocupa convocar as chamadas “forças vivas da Nação” e propor um governo de “salvação nacional”, totalmente alheio às peripécias da campanha eleitoral, acima e além dos partidos que na realidade não existem, e dos políticos, disposto a enfrentar corajosamente os bastiões da nomenclatura brasileira que continua mais mobilizada do que nunca para não permitir que se toque na sua prerrogativa de gerar a maior inflação da nossa história.

Seria a hora, afinal, de Sarney mostrar por que fez tanta questão de ficar cinco anos, quando falta tão pouco para que fique demonstrado que ele cometeu o maior erro de sua vida política ao não ir embora antes do desastre final.

Os dois homens que ainda mantêm seu governo vivo — os ministros da Fazenda e do Planejamento — estão-lhe propondo o caminho da redenção, com um plano de austeridade para seu último ano de governo que começaria agora, com a extinção dos ministérios vacantes, e poderia prosseguir com o que eles estão chamando de “operação-desmonte”, que será uma decorrência do corte de 17% das receitas da União determinada pela reforma fiscal da nova Constituição, que permitiria o corte de cerca de dois mil programas que até aqui cabem ao governo federal e a conseqüente dispensa de milhares de funcionários.

Lembre-se, presidente Sarney, do lema do Exército da Salvação: É mais tarde do que você pensa, irmão!

JORNAL DA TARDE 1* AGO 1988